

MINHAS VIDAS PASSADAS

os ciclos da vida



Luiz Guilherme Marques

Dedicatória: dedico este artigo à minha irmã Maria Helena Marques, pela sua coragem em expor-se publicamente ao revelar as vidas passadas de que teve conhecimento, visando mostrar às pessoas como se processa a evolução intelecto-moral.

INTRODUÇÃO

Nem só da leitura de livros teóricos devemos nos ocupar no que tange à evolução intelecto-moral através das reencarnações, mas também completar nossos conhecimentos com os casos verídicos de vidas passadas nossas e de outras pessoas, sendo que esse tipo de leitura apresenta uma grande vantagem, que é justamente o interesse que costuma despertar nos leitores. Afinal, quem não gosta de uma boa história? Por isso o sucesso das telenovelas, que nada mais são do que histórias contadas através de capítulos, pela televisão.

No presente caso, pretendo (falarei na primeira pessoa do singular) relatar as revelações que fui tendo, nestes 60 anos da vida atual, sobre minhas vidas passadas, a começar da mais antiga, que remonta a mais de doze milênios.

Muita gente se assombra quando ouve referências a tempos tão antigos e tende a desacreditar de que naquelas épocas houvesse qualquer surto evolutivo humano. Mas devemos entender que o intercâmbio entre os mundos faz com que sempre haja espíritos mais evoluídos, mesmo nos mundos categorizados como primitivos, como era o caso da Terra naquela época.

A evolução sempre ocorre por enxertia, ou seja, quem é mais adiantado convive com outros mais atrasados e lhes transmite energia mais sutilizada, incrementando as mudanças intrínsecas.

Desde tempos muito mais antigos a Terra recebe espíritos mais adiantados, para que o progresso ocorra segundo planejamentos seguros e sem possibilidade de falhas.

O desenho abaixo servirá de chamativo para esse intercâmbio.

Simbolizamos nele a vinda desses extraterrestres em corpo físico, mas também vale para os casos de encarnações em corpos do planeta terráqueo.



Algumas revelações poderão despertar dúvida nos leitores, pois costumam pensar que as posições sociais são mais importantes do que realmente o são e que “quem foi rei sempre será majestade”, mas o que acontece é a mudança de uma realidade para outra no curso das várias reencarnações.

Se ocupamos posição de destaque numa vida poderemos nunca mais voltar àquele patamar, pois o que importa é a evolução intelecto-moral e não os títulos terrenos.

Feitas estas digressões, passarei a relatar o que me foi sendo revelado. Não importa como ocorreram essas revelações, porque, por mais que eu apresente provas ou argumentos sobre a veracidade daquelas vidas, os leitores incrédulos poderão sempre apresentar contra-argumentos.

Portanto, é uma questão, para os leitores, de acreditar ou duvidar.

Se acreditarem, a moral da história será a verdadeira e se duvidarem, continuará da mesma forma, pois a Lei Divina impulsiona cada criatura para frente através dos efeitos que causamos pelas nossas ações, pensamentos e sentimentos.

Temos de desmitificar a noção de que somente as ações contam perante a Justiça Divina, porque, na verdade, o que pesa mesmo são os pensamentos e os sentimentos, os primeiros como esforço de raciocínio e os segundos como emanções do nosso íntimo.

Os leitores concluirão facilmente, com base nas minhas reencarnações a partir do século XVI, que ocorreram com muita frequência, sendo uma em cada século, tendo como significado que cada uma delas é um ciclo e, cumprindo ou não a programação traçada, deve-se seguir adiante, em novas empreitadas.

No meu caso, que sou um espírito já de muito longa data voltado para o Bem, mesmo sem ser um espírito superior, a programação visa normalmente o progresso geral, de comunidades inteiras.

Posso dizer que tenho progredido e muito realizado em favor das coletividades a que tenho servido.

Há, infelizmente, na Terra, a maioria, que ainda não pensa nas coletividades para servi-las, mas sim quer tirar proveito das fragilidades alheias e, se possível, escravizá-las de variadas maneiras.

O número de ditadores de massa é muito grande, sendo que muitos que atualmente amargam situações de agruras físicas ou morais são, nada mais nada menos, que os insensíveis de outrora, que voltam ao corpo para aprender a respeitar as Leis Divinas, cujo mandamento máximo é o do Amor Universal.

Os leitores também notarão que num espaço de tempo de mais de doze milênios tive acesso apenas a umas poucas reencarnações.

Realmente, minha mediunidade mais aflorada é a do reconhecimento histórico, que é uma modalidade rara, porque demanda larga vivência entre múltiplos povos e em diversas épocas, para se ter uma noção geral, digamos, da História do próprio planeta.

Nomes de pessoas, de países atuais e antigos, datas, eventos, tudo isso faz parte desse tipo raro de mediunidade, que possibilita, inclusive, a identificação de outras pessoas no contexto histórico.

Mas aqui falarei apenas de mim mesmo, a fim de não contrariar aqueles que preferem o anonimato ou não acreditam nas informações que eu daria a seu respeito.

Essas revelações surgem de várias maneiras diferentes, mas, normalmente, aparecem como que do nada e, depois de realizadas pesquisas, confirmam-se.

Não representa nenhuma vantagem ter sido um faraó, mas sim uma tarefa de muita responsabilidade, em que os erros costumam superar os acertos.

Percebo, no meu caso, que depois daquela experiência com o poder num grau muito elevado, nunca mais fui um chefe de estado, ocupando apenas funções de mediana expressão.

Acredito que a lição tenha sido aprendida, no sentido de que é melhor servir num posto menos graduado do que a responsabilidade do comando de comunidades muito numerosas.

Essa é uma das lições que foi aprendida.

A outra é de que a finalidade principal da vida em relação às outras criaturas é servi-las, ajudá-las, orientá-las e não o contrário.

Muitos daqueles povos antigos desapareceram e não há sequer notícia deles, mas o produto que dali surgiu para mim foi a certeza de que vale a pena investir no Bem.

Não importam os nomes das correntes religiosas adotadas, as línguas faladas, os pontos geográficos etc., mas sim as intenções com que cada atitude interna ou externa foi tomada.

Agora sou um juiz de direito de uma cidade de porte médio (Juiz de Fora – Minas Gerais), com cerca de seiscentos mil habitantes, e procuro seguir o ideal de servir ao povo.

Estou no caminho certo.

Não coloquei notas de pé de página neste artigo para não ficar muito volumoso desnecessariamente, mas aproveito a oportunidade para esclarecer que muitos registros históricos são distorcidos e, se não forem analisados com bom senso, poderão dar uma noção equivocada da minha biografia em cada uma daquelas vidas.

A VIDA EM ÓRION

Quando se fala na vida nos outros planetas ainda há muita gente que se surpreende, até por achar que somente existe vida na Terra.

Alguém falar que veio para a Terra de Órion, Júpiter, Marte ou outro mundo não representa nenhuma vantagem ou sinal de progresso intelecto-moral, porque o progresso está dentro de cada criatura e não é pelo simples fato de alguém ser egresso do mundo tal ou qual que será uma criatura boa e benfazeja.

Pois bem, em época recuada do calendário terráqueo veio uma grande falange de habitantes da constelação de Órion, com a finalidade de trabalhar, sobretudo, na espiritualização dos terrícolas.

Digo espiritualização, porque a especialidade daqueles espíritos é essa mesma e formou na Terra a raça vermelha, que veio habitar, em tempos mais recentes, ou seja, cerca de quinze milênios para cá, sobretudo, a América.

Misturaram-se com as criaturas humanas de outras raças, mas sua característica íntima é a espiritualização. Nasceram no seio das outras três raças a fim de infiltrar sua semente de espiritualização.

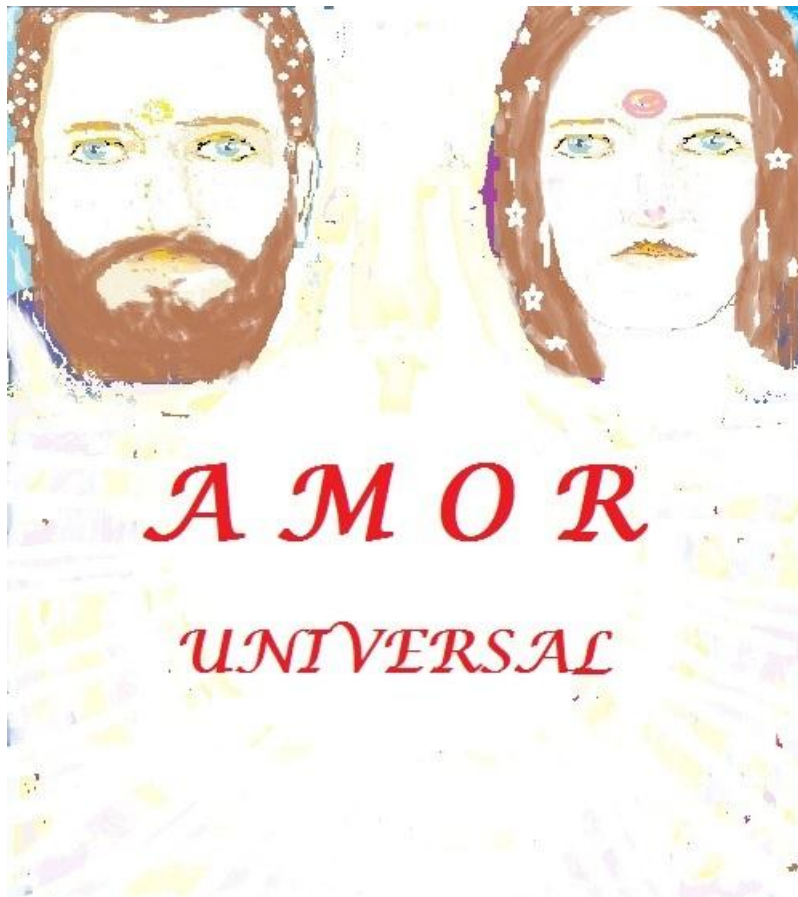
Pouco voltados para a Ciência, a Filosofia e a Arte, sua especialidade é a Religião, considerada como “religar a Deus”.

Essa falange, que se encarregou de ensinar a Cultura indígena, ainda não foi valorizada como devia, apesar da enorme contribuição que essa Cultura tem dado ao mundo terráqueo.

Recomendamos a leitura da *“Encyclopedia of american indian contributions to the world”*, de Emory Dean Keoke e Kay Marie Porterfield, para quem queira se informar sobre algumas das grandes contribuições indígenas para o mundo.

Através deste desenho procuro simbolizar o avanço intelecto-moral de muitos habitantes da constelação de Órion, cujo refinamento da própria fisionomia atesta essa superioridade.

Todavia, na grande falange que de lá veio para a Terra há espíritos menos adiantados, como é o meu próprio caso.



A VIDA NO CONTINENTE DE MU



O desenho acima pretende simbolizar um guerreiro primitivo, dono de uma força física descomunal, mas uma qualificação intelecto-moral incipiente.

Eu era, naqueles tempos recuados, pouco mais do que isso.

A maioria das pessoas não acredita que o continente de Mu tenha existido e há quem o confunda com a Atlântida, mas a verdade é que o primeiro existiu no Oceano Pacífico e o segundo no Oceano Atlântico.

Somente como argumento pálido para os leitores de boa vontade direi que a própria Arqueologia vai descobrindo civilizações soterradas e, quando tal acontece, mudam-se muitos referenciais, como foi o caso, por exemplo, da Babilônia.

Em Mu existiu uma civilização avançada, que contribuiu muito para o desenvolvimento dos outros povos espalhados pelo globo.

Um pesquisador chamado James Churchward escreveu um livro chamado “O Continente Desaparecido de Mu”, onde relaciona todas as suas conclusões e chama aquele continente de “pátria-mãe”.

Uma das afirmações mais surpreendentes que ele faz é de que o “Livro dos Mortos” do Egito antigo refere-se aos mortos no afundamento de Mu.

Pois bem, em Mu, que afundou há cerca de doze ou quinze milênios atrás, eu me vi como um domador de leões, ou seja, um homem muito alto e dotado de uma força extraordinária.

Dessa aparência mantive até hoje apenas a altura, pois meus 1,91 m são ainda de chamar a atenção, sendo que não tenho nenhuma antepassado que chegasse aos 1,80 m de altura.

Há características que mantemos por todas ou quase todas as nossas vidas, como se fosse uma marca registrada.

A coragem também me caracteriza, inclusive pelo fato de expor-me publicamente, relatando minhas vidas passadas de que tive conhecimento, o que a maioria evita fazer, para não ver seus maus feitos divulgados.

Essa a coragem do antigo domador de leões.

Vi-me, naquela época, com uma fisionomia muito primitiva, brutalizada, e um corpo extremamente musculoso e um órgão genital daqueles do nível dos chamados “superdotados”, o que deve ter proporcionado muitos abusos contra o sexo feminino.

Esse dado é importante para os leitores entenderem o porquê de situações que ocorreram em uma vida que aconteceu muitos milênios depois, mostrando a força imperativa da Lei de Causa e Efeito, também chamada de Lei do Carma.

A força física foi sendo substituída pelo maior desenvolvimento intelecto-moral, que não necessita de tamanha potência muscular e, até pelo contrário, quase que exige pouca vitalidade muscular para a criatura concentrar-se no seu cérebro e no seu coração.

O desenho abaixo retrata a posição desse continente no Oceano Pacífico, o que possibilitava a comunicação relativamente fácil entre todos os povos.



A VIDA NO EGITO ANTIGO

Essa foi uma revelação surpreendente para mim, porque nunca imaginei ter sido um faraó, mas a verdade é que meu nome era Udimu (terá alguma coisa a ver com Mu?). Infelizmente, não consegui saber o significado desse nome, por mais que tivesse pesquisado.

Meu nome oficial mais conhecido era Hórus Den.

Essa vida ocorreu por volta do ano 3.000 a.C., ou seja, há uns cinco milênios atrás.

O que fiz de mais relevante nessa época foi, sob a influência de minha mãe, que foi a faraó Merneith, desenvolvi muito a chamada “Casa da Vida”, que é uma instituição, sobretudo, de tratamento espiritual dos pacientes que se socorriam dos seus préstimos.

Não ficarei aqui relatando fatos secundários da minha biografia daquela encarnação, porque o que importa é destacar essa incrementação da “Casa da Vida”.

A respeito há dois livros, cuja leitura recomendo: “O Trabalho Espiritual das Casas da Vida” e “As Casas da Vida do Egito Antigo e de Hoje”, que podem ser baixados gratuitamente da Internet, apesar de haver edição em papel.

Um detalhe que me chamou a atenção para compreensão do que sou hoje é o apelido que recebi naquela época de “homem do deserto”.

Pude verificar que, em outras vidas, enfrentei a inclemência de climas insalubres, viagens forçadas e um conhecimento muito significativo da História e da Geografia mundiais.

O antigo “homem do deserto” reencarnou em vários pontos do globo em épocas diferentes e quase sempre desempenhou atividades militares, sendo, agora, um guerreiro da paz, ou seja, um lutador do Bem.

A VIDA EM ISRAEL (cerca do ano 1.000 a.C.)

Ao invés de redigir este tópico, prefiro inserir aqui dois textos que escrevi há pouco tempo, através dos quais estarei falando em mim e, ao mesmo tempo, retirando a camada de lama que historiadores tendenciosos ou desonestos lançaram sobre as figuras respeitáveis de Betsabá e Davi.

Quanto ao texto sobre Betsabá peço que desconsiderem a parte em que afirmo que Davi providenciou minha morte (de Urias), sendo que, depois, fui saber que isso não ocorreu.

Mas, tirando esse detalhe, acredito que a manutenção dos dois textos, escritos sob o calor da inspiração, valerá a pena:

“A VERDADE SOBRE BETSABÁ

Há quem somente acredite nas afirmações dos historiadores, principalmente daqueles que se destacam pela projeção, merecida ou forjada a peso de interesses escusos, sendo que muitos deles se equivocam, alguns sem dolo, ou seja, sem más intenções, enquanto que outros afirmam aleatoriamente, sem aprofundarem as pesquisas, contando-se muito poucos os que são realmente confiáveis em termos de veracidade.

É por isso que a História é recontada de tempos em tempos, de acordo com descobertas que se sucedem ou alguma outra forma de informação, mas, na maioria dos casos, têm prevalecido injustiças clamorosas contra pessoas dignas, bem como têm sido endeusadas pessoas de mau caráter ou medíocres.

A responsabilidade dos historiadores é muito séria perante a Justiça Divina, pois lançam para o presente e o futuro afirmações em que muitos acreditarão e muitas das suas palavras atravessam os séculos e os milênios consagrando inverdades em detrimento daquilo que Jesus chamou de Verdade.

Um desses casos de injustiça clamorosa é este que mencionamos neste modesto artigo, que, se não tem a força suficiente para desmanchar o mal feito, pelo menos servirá de contrapeso à massa de afirmações maledicentes e tendenciosas de falsos moralistas, sem contar a intenção propositadamente maldosa dos dirigentes das chamadas Trevas do planeta em que habitamos.

É verdade que às Trevas, que chamamos de “curvas”, interessa desmoralizar os missionários do Bem, criando versões humilhantes ou depreciadoras lançadas de permeio com verdades, com isso confundindo os eventuais leitores que não tenham senso crítico suficiente ou meios de se certificarem da verdadeira verdade.

É em nome da verdadeira verdade que estamos grafando estas linhas sem erudição, mas com a força da consciência desperta, a fim de declarar publicamente que a personagem bíblica Betsabá, identificada pelos conhecedores da Bíblia como a mulher de Urias e depois de Davi, é uma missionária das mais graduadas da equipe de Jesus, que é o Divino Governador da Terra.

Permitam-nos os prezados leitores uma pequena digressão na nossa fala para dizermos que outros missionários do Bem também foram difamados vergonhosamente, como foi o caso de Sathya Sai Baba, acusado publicamente de pedofilia, sendo outros exemplos Sócrates, a quem se imputou a prática da homossexualidade, bem como Chico Xavier, de quem chegou-se a afirmar ser um afeminado e assim por diante.

O descompromisso de muitos com a verdade é tamanho que o próprio Jesus foi vítima da malícia de falsos historiadores, que lhe imputaram a prática de sexualidade desregrada com Sua dedicada discípula Maria de Magdala, que, para sermos justos, é um espírito muito mais evoluído que a imensa maioria da humanidade da Terra, inclusive nós próprios, que não temos condições de carregar suas sandálias, parafraseando João Batista quando se referiu a Jesus.

Mas, voltando a Betsabá, temos a dizer que nossa própria mediunidade, que se caracteriza como sendo inclinada para a visão de acontecimentos do passado, nos mostrou aquela personagem sendo praticamente vendida por seu pai a um ambicioso soldado estrangeiro, que queria aproximar-se, com o casamento, mais ainda da sociedade dos judeus. Trata-se de Urias, o hitita, jovem de vida devassa, que, mesmo tendo recebido a oportunidade de conviver com uma mulher daquela envergadura moral, continuou sua carreira desabalada para o abismo das noitadas de descabros junto com seus colegas de milícia e mulheres que ia encontrando pelo caminho e nas aldeias invadidas e devastadas.

Esse foi o marido que Betsabá teve durante sete meses de casamento, que ela suportou em silêncio e desistiu de orientar para a moralidade.

Mas não bastou isso na sua vida de missionária, pois teve como entusiasta da sua beleza física um outro missionário, que, todavia, precipitou-se na consecução daquilo que ocorreria daí a pouco tempo, mas de forma determinada pela Justiça Divina.

Estava nos planos do Divino Governador da Terra a união física daqueles dois trabalhadores do Bem, o que ocorreria com a própria morte de Urias, devedor de outras épocas, em que transformara seu braço numa arma de extermínio, ao invés de meio de progresso e fraternidade.

Davi deveria ter aguardado o tempo, que não tardaria, para poder estar junto de sua grande companheira de milênios de lutas no Bem.

Como todos os missionários que vieram à Terra sempre falharam em algum ponto, com exceção de Jesus, Davi providenciou para que o soldado rebelde fosse colocado em situação de perigo do qual nunca conseguiria sair vivo.

Assim, depois de forçar a dignidade de Betsabá, engravidando-a, acabou por ter livre o caminho para casar com a viúva, que, dentre outras tantas virtudes, tinha a da resignação com relação aos desígnios divinos.

Tornou-se mãe de uma criança que viveu pouco tempo e muitos amaldiçoaram tanto a mãe quanto a criança, querendo imputar a Deus, Pai de Bondade, a morte dessa criança, que já nasceu doente e sem condições de viver muito tempo.

Mas Betsabá tinha uma missão a cumprir e assim é que ajudou, durante todo o restante da vida de Davi, a governar Israel com justiça e progresso, mas, temos a acrescentar mais um item importante, desconhecido da História: é que ambos eram iniciados nos Mistérios Sagrados, ou seja, exerciam uma mediunidade de amplo alcance, que era utilizada em trabalhos de cura e orientação espiritual de encarnados e desencarnados.

Trabalharam, e muito, naquilo que hoje se chama Autoajuda, tarefa que exerceram em outras épocas anteriores, no Egito, na Babilônia e em Mu, o continente que afundou no Oceano Pacífico há doze milênios atrás, bem como continuaram a exercer esse nobre mister em sucessivas reencarnações, além de assim fazerem nos intervalos entre umas vidas e outras.

Betsabá realmente exerceu muita influência na Israel do seu tempo, não só por intermédio de Davi, mas também depois, por meio do seu filho Salomão, outro missionário do Bem na Terra.

A verdade é que ela ditou para seu filho muitos dos provérbios que a posteridade atribuiu a ele, considerando-o o mais sábio dos homens da sua época.

Três espíritos de grande envergadura estavam presentes em Israel naquele momento, visando pavimentar o caminho para a pregação de Jesus, que ocorreria por volta de um milênio depois.

Assim se planejam as grandes arrancadas evolutivas, sendo certo que Betsabá vinha de outra realidade planetária para auxiliar aqui na Terra o progresso geral, junto com uma plêiade de outros missionários submissos a Deus no cumprimento de Suas Leis, que determinam, sobretudo, o Amor Universal.

A verdade está estampada aqui e não como aparece em muitos livros, filmes, comentários maldosos ou maliciosos, seguramente todos esses que foram induzidos pelas Trevas, que inseriram, há milênios, o nome daquela missionária entre aqueles que devem ser perseguidos de todas as formas possíveis, para que desanimem de cumprir suas missões na Terra.

Mas não sabem que os verdadeiros trabalhadores do Bem estão acima dos interesses pessoais e continuam adiante, sem desanimar nunca, apesar de estarem com os joelhos desconjuntados, como dizia Paulo de Tarso quanto a ele próprio, que seguiria Jesus mesmo que tivesse todas as conjunturas contrárias dificultando-lhe a caminhada.

Nosso compromisso é com a verdade verdadeira e aqui vai o testemunho de quem viveu parte daqueles acontecimentos e sabe que está dizendo o que realmente aconteceu e não aquilo que os intrujões, mais ou menos, famosos imputaram àquela missionária do Bem.

Fica, portanto, nosso testemunho, na qualidade de médium e homem da verdade.”

"A VERDADE SOBRE A MORTE DE URIAS

Um grande mal que pode acometer as criaturas humanas é falsear a verdade e outro é sua inclinação para acreditar nas inverdades e tentar perpetuá-las. Na realidade essa é uma tendência quase geral em mundos da categoria da Terra, em que a maldade ainda prepondera sobre a bondade e a mentira sobre a verdade. A inclinação para a “fofoca” é como uma coceira gostosa, que acaricia o coração da imensa maioria.

Assim é que muitas inverdades vêm sendo perpetuadas pela iniciativa sutil e ardilosa dos espíritos que chamamos de adeptos das “curvas”, ou seja, aqueles que, ao invés de procurarem evoluir espiritualmente em linha reta, optam pelas maldades, as quais representam curvas no caminho evolutivo.

Uma dessas inverdades, que viemos agora a público para desmascarar, diz respeito à famosa morte do soldado Urias, um dos militares de confiança de Davi, então rei de Israel e autor dos Salmos.

Nos relatos atribuídos a Samuel, aparece na Bíblia todo um enredo, que se iniciou com o interesse sexual do rei pela mulher de Urias e que culminou na morte planejada desse soldado.

Na verdade, Urias era um péssimo marido, que vivia por conta das múltiplas amantes, tendo, de fato, rejeitado o convívio com Betsabá, sua esposa.

Quando Davi se interessou por ela, essa, digamos, “separação de fato” já existia e, como os costumes da época eram muito menos formais que os de hoje, aproximaram-se e acabaram-se casando.

Urias morreu no campo de batalha, antes do casamento, como outro soldado qualquer, mas podemos afirmar que toda a trama maldosa que se atribui a Davi para proporcionar a morte do soldado foi inventada por inimigos pessoais do rei missionário da Luz.

Era e é ligado diretamente ao Cristo, juntamente com Betsabá e o futuro filho do casal, que foi Salomão, autor dos Provérbios, que, por sinal, em grande parte foram escritos pela mãe.

Esse grupo de espíritos missionários estava no plano físico com a tarefa de contribuir para a preparação da vinda do Cristo ao plano físico, o que ocorreu um milênio depois.

Sabemos, através de contatos mediúnicos, que os espíritos ligados ao Mal urdem suas tramas de várias formas, inclusive falseando os anais da História.

Pelo fato dessa farsa aparecer no contexto da Bíblia não significa por si só que seja uma verdade, pois há outras inverdades no chamado "livro sagrado dos judeus e dos cristãos".

Comparecemos a público, nesta oportunidade, portanto, para testificar em favor da inocência de Davi, como o fizemos, em outro texto, quanto a Betsabá.

E a quem quiser tirar essa história a limpo pelos canais da revelação espiritual, podemos dizer aqui, agora falando na primeira pessoa do singular, que eu fui Urias.

Fica dado o testemunho."

A VIDA NA MACEDÔNIA

Nessa encarnação meu nome era Heféstion, que viveu por volta do ano 300 a.C.

Os seguintes dados me chamaram a atenção: fui aluno de Aristóteles na adolescência e guerreiro do exército de Alexandre da Macedônia.

O aprendizado naquela escola deve ter me influenciado muito na arte de escrever no estilo filosófico, adquirindo certa facilidade para argumentar e convencer. O resultado desse estudo, atualmente, apresenta-se visível devido ao número expressivo de livros que escrevi, sendo mais de uma centena, sempre sob a influência dos meus orientadores espirituais invisíveis, ora assinando como médium, ora como autor, observando-se essa diferença apenas por uma questão de ordem prática.

Por outro lado, a atividade guerreira me levou a conhecer boa parte do mundo civilizado daquele tempo. Viajar muito, gostar de correr e caminhar, suportar longas fadigas: tudo isso é resultante da adaptação a um estilo de vida árduo.

Quanto a Heféstion há uma corrente de historiadores que o qualificam literalmente como *gay*, afirmando-se que foi amante de Alexandre, mas, se formos, pesar bem as informações veremos que Alexandre também é tido por muitos historiadores como bissexual, mas a verdade é que a promiscuidade sexual, naquele tempo, era muito mais comum do que hoje.

Todavia, apodado como *gay* ou não, aquela vida parece ter servido pelo menos para minha preparação intelectual nos moldes filosóficos do Ocidente, propiciando bagagem para a futura atividade como escritor.

Quanto a muitas assertivas de historiadores não devemos levar tão a sério, pois, para alguns, Sócrates e Beethoven eram homossexuais, Sathya Sai Baba era pedófilo e Osho era sexólatra.

Pessoalmente, encaro com tranquilidade aquela aleivosia assacada contra mim, pois tenho certeza de que se trata de uma difamação.

A PRIMEIRA VIDA NO BRASIL

Aconteceu no século XVI, quando fui o padre jesuíta espanhol Juan Azpilcueta, que ficou conhecido como Navarro.

Nessa vida, depois de iniciar um trabalho ao estilo dos catequizadores, acabei tornando-me discípulo do famoso cacique Cunhambebe, que me ensinou várias coisas da Cultura indígena e, por isso, acabei morrendo misteriosamente, podendo-se imaginar que essa morte foi provocada pelos próprios religiosos a fim de se livrarem, do colega que tinha bandeado para o lado dos índios...

O maior progresso que consegui nessa encarnação foi defender os índios brasileiros das arremetidas genocidas dos portugueses colonizadores.

Infelizmente, das cartas que escrevi, e que foram muitas, foram conservadas apenas duas, divulgadas em uma edição brasileira, reunindo inclusive cartas de outros contemporâneos jesuítas.

O que escrevi de melhor foi queimado, como costuma acontecer, por iniciativa das instituições, interessadas no poder a qualquer preço.

A VIDA NA FRANÇA

Tratava-se do século XVII e meu nome era François de Montferrand, filho de Jeanne de Lestonnac (canonizada pela Igreja Católica Romana) e sobrinho em segundo grau de Michel de Montaigne, o famoso filósofo renascentista.

Consegui descobrir que estudei quase um ano em Roma e que tive muitos filhos.

Devo ter aperfeiçoado meus conhecimentos de Latim em Roma e, quanto aos filhos, realmente agrada-me muito a paternidade, que considero um dos mais importantes trabalhos que podemos desempenhar nas encarnações.

Tenho como certo que bons exemplos tive da mãe e do tio, o que deve ter-me servido, inclusive, para o futuro.

A SEGUNDA VIDA NO BRASIL

Foi no século XVIII, sendo que, tendo nascido na Boêmia (parte da atual República Checa), com o nome de Tadeo Xavier Henis, ordenei-me novamente jesuíta e vim trabalhar nas missões do atual Rio Grande do Sul.

Nessa ocasião, fiquei amigo e admirador do líder indígena Sepé Tiaraju e escrevi em latim um relato sobre a Guerra Guaranítica, que tornou-se uma boa referência sobre essa guerra, que quase dizimou os guaranis do sul do Brasil, tanto quanto tinha sido devastadora aquela luta dos exércitos índios e portugueses no século XVI no atual Rio de Janeiro.

Não contente em simplesmente dar apoio moral aos índios, peguei em armas para lutar ao seu lado pela preservação das missões em poder dos índios.

Minha prisão ocorreu juntamente com a rendição de São Miguel das Missões e daí a alguns anos foi assassinado traiçoeiramente numa briga.

UM MENINO ALEIJADO E ABANDONADO

Fui filho de uma mulher que se dedicava à prostituição e morei, nos poucos anos de vida, no próprio ambiente onde se desenvolviam aquelas atividades.

Alguém perguntará o porquê dessa vida de sofrimentos, mas a causa está na Lei do Carma, pois já vinha repetindo atitudes de desrespeito à sexualidade desde épocas remotas.

Quando encontramos alguém em sofrimento superlativo devemos orar por ele e procurar ajudar, se for possível, mas sempre há uma razão para qualquer agrura física ou moral.

Foi uma medida de choque para despertar o senso moral quanto à sexualidade e o pacifismo, abrandando os ímpetos do guerreiro.

FIM